

DA SEXUALIDADE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA SOBRE DIFERENTES MULHERES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE SAÚDE COLETIVA POR EVENTO PRESENCIAL

Helena Messias Gomes

helena.goomess@outlook.com

Camile Schuster Franco de Oliveira

Gabriela Cristina Leme de Carvalho

Victória Gayoso Neves Soares Pereira

Sofia Chagas Nalesso

Laura Rocha Campos Bahls

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA: Embora nos últimos anos o Brasil tenha avançado na prevenção da violência obstétrica, ela é frequente no Brasil, visto que uma a cada quatro mulheres sofre alguma forma de violência durante o parto. Seguindo esse viés, a violência obstétrica é descrita como qualquer ato ou intervenção direcionada à parturiente ou ao seu bebê, praticado sem o consentimento explícito da mulher e/ou de desrespeito a sua autonomia, integridade física e mental. Portanto, trata-se de uma questão de saúde pública. Neste contexto, os profissionais obstétricos devem prestar um cuidado holístico durante toda a assistência ao ciclo gravídico-puerperal, a fim de que a mulher seja tratada com respeito e dignidade e sua autonomia seja respeitada. Também, é necessário explicitar a relevância da sexualidade feminina nesse contexto, uma vez que histórica e culturalmente ela sempre foi um tabu. Dessa forma, por não ser discutida de forma frequente e aberta, questões importantes como percepções do corpo, do prazer e do desprazer, da saúde íntima e sexual são postas de lado. Logo, é fundamental, a discussão desse importante tema, a fim de proporcionar uma desmistificação de conceitos errôneos. Por último, também, faz-se necessário abordar a forma desigual de acesso pleno à saúde sexual e reprodutiva que mulheres pretas e indígenas, principalmente, enfrentam. Logo, em prol de uma maior percepção e conhecimento sobre a violência obstétrica, sexualidade feminina e sua pluralidade nas diferentes mulheres, o comitê do SCORA da IFMSA-FPP elencou como essencial tal abordagem. **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA:** Para inscrição do evento foi disponibilizado um formulário do Google, com divulgação online nas redes sociais. O evento ocorreu no dia 29 de março, no auditório da Faculdade Pequeno Príncipe. Contou com duas palestras que destrincharam a violência obstétrica e a sexualidade feminina de maneira extremamente interessante e interativa para com os participantes, com grande compartilhamento de conhecimento médico e humanístico. A primeira palestra realizada foi sobre o tema "Violência obstétrica e a abordagem para diferentes mulheres". Nesta, foi possível o desenvolvimento de uma visão geral e correta acerca do conceito "violência obstétrica", bem como o atendimento ideal da gestante. A palestrante iniciou a conversa demonstrando a importância da jornada da gestante, as modificações corporais e novidades na vida da mulher. Em seguida, abordou os mecanismos fisiológicos e hormonais do parto e gestação, assim como as indicações

absolutas e relativas de cesarianas, outro grande tabu em sociedade, caracterizando uma forma de violência obstétrica, além da psicológica. A segunda palestrante abordou o tema "Saúde da Mulher Negra: uma abordagem interseccional". A palestra apontou o tema de modo histórico e detalhado, inserindo na discussão fatores socioeconômicos. Nesse sentido, a medicina representou grande papel na disseminação do racismo científico, no qual se defendia o determinismo biológico com teorias eugenistas dos séculos XVII a XIX. Essas afirmavam a relação de diferenças cognitivas e culturais a fatores genéticos e fenotípicos, como a cor da pele. Nessa perspectiva, enraizou-se o mito da democracia racial, de relação direta com a saúde da população negra, a qual tem maior mortalidade materna e infantil, prevalência e gravidade de doenças crônicas e infecciosas. Ao final, foi realizada uma roda de conversa das palestrantes e esclarecimento de dúvidas. Para confirmação da presença e avaliação do impacto do evento, utilizamos um formulário do Google, questionando o conhecimento dos inscritos acerca do tema, antes e depois do evento. Com a intenção de conscientizar o público e fazer a diferença na vida de mulheres, além das palestras, houve a arrecadação de doações, contribuindo com absorventes e produtos de higiene para a Casa da Mulher Brasileira de Curitiba. Assim, conseguimos ajudar mulheres em condição de vulnerabilidade, proporcionando produtos que contribuirão com a dignidade destas. **RESULTADOS ALCANÇADOS:** Foi possível, através das palestras, discutir a violência obstétrica com os estudantes da graduação de medicina, o que deve e necessita ser feito perante a população brasileira, não apenas, contudo essencialmente, aos acadêmicos de medicina. Isso, uma vez que, não é de conhecimento geral a existência e conceito dessa violência, muito menos os direitos femininos garantidos por lei, o que foi elucidado no evento e gerou importantes reflexões. Ademais, foi estabelecido um panorama geral acerca da violência obstétrica e sexualidade feminina sobre diferentes mulheres, de modo holístico. Adentrou-se as questões raciais e socioeconômicas dessa problemática, o que trouxe ao público presente outra discussão fundamental, inclusive dentro da prática médica. **RECOMENDAÇÃO:** A abordagem da violência obstétrica e sexualidade feminina encontra um ponto em comum na necessidade de mudança, essencialmente do profissional da saúde, de maneira a visar o respeito e saúde da mulher. Dessa forma, o presente relato não se trata apenas de mais um evento, mas sim um passo na direção da saúde completa e ampliada, o que deve ser perpetuado, essencialmente, na graduação de medicina. Acredita-se que houve, com o evento, a reflexão por muitos acadêmicos, uma vez que os cursos de saúde abordam o atendimento humanizado como parte da grade curricular proposta, contudo sem disciplina específica que os prepare para tal. Realçou-se a importância de tal compreensão, além da discussão aberta e livremente da sexualidade feminina, negligenciada ainda em meio social. Destarte, é fundamental tal oportunidade não apenas na universidade de medicina, colaborando-se para uma formação educacional completa e, assim, preparada para os entraves que a própria sociedade impõe à medicina.

Palavras-Chave: Violência obstétrica; Sexualidade; Educação em saúde.

REFERÊNCIAS:

BRANDT, G.P. et al. Violência Obstétrica: a verdadeira dor do parto. **Revista Gestão & Saúde**. 2018.

DE ARAUJO, Débora Cristina; DA SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Contribuições dos estudos críticos sobre relações étnico-raciais ao campo da Educação. **Revista Teias**, v. 21, n. 62, p. 317-333, 2020.

Leal MDC, Gama SGND, Pereira MACACO, Pacheco VE, Carmo CND, Santos RV. A cor da dor: iniquidades raciais no pré-natal e parto no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. 2017; 33(Supl 1):e00078816.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo, Claro Enigma, 2012.